

## Ao lado de Paco Ibañez Carlos Paredes e Luís Cília, êxito em Barcelona

Na mesma semana em que o público de jazz catalão, Tete Montoliu, obtém a consagração na sua terra natal, ao dar um concerto no Palau (Palácio da Música da Catalunha), o seguinte cantor Paco Ibañez responde ao cabo de dez anos de silêncio, para os povos da península, através esse tempo precisamente em Lisboa. Paco Ibañez surge definitivamente no «Romea», desta cidade, nada menos que antecedido pelos portugueses Carlos Paredes e Luís Cília. Antes de iniciado este série de concertos de uma semana já todos os bilhetes se encontravam esgotados, prevendo-se, assim, uma grande recepção ao cantor catalão.

Contudo, foi com enorme estorço que Paco Ibañez logrou captar as maiores atenções nos recitais, tanto mais que Carlos Paredes, preenchendo a primeira parte dos espetáculos (acompanhado pela violonilha de Fernando Alvira), amabiliza através agitados e, no dia da estreia, «volta ao palco por três vezes consecutivas. O multífono «Tele-Express» escrevia em título: «Carlos Paredes, um génio em «El Romea», e abria, assim, a crónica assinada por Eusebio «O País». «Paco Ibañez sabe de música demonstrou-o ontem no Romea ao trazer consigo o guitarrista português, Carlos Paredes. Uma mão activamente agita para amarrar à guitarra portuguesa ritmos e melodias entrelaçadas de uma forma não habitual e de esperança para todos os que acreditam na música sem barreiras como linguagem de transmitir crenças, inclusive políticas.» O mesmo articulista anunciava, dias depois, o próximo recital de Paredes no Palau.

Diz nos Paco Ibañez: «Sou muito basco, vivo os problemas de Euzkadi e creio que se entende. A mim tocou-me o basco, valenciano, catalão, francês, até português. Há uma vibração europeia que ainda não se desenvolveu muito bem — pertencemos a uma família muito antiga que é a Europa no sul. Porêis, Euzkadi, é uma situação estranha neste contexto, pela forte pressão sofrida e pelo espírito de luta das suas gentes. E se Ibañez fala de que não está de acordo com os Bascos, Ibañez (Gorostidi) contesta-o, dizendo que em cada pueblo deve haber una ikastola, em cada hogar una ikurrina e em cada corazón vacuun.» «Gore Euzkadi».

Sobre os músicos portugueses, diz Paco Ibañez: «Paredes demonstrou no Romea que toda a história de um país emerge da sua guitarra e dos seus dedos: é uma vibração colectiva que se chama Portugal. Tem que se dar a conhecer um fenómeno chamado Paredes e Alvira. Por outro lado considero que o trabalho de Cília corresponde a outra faceta de alma portuguesa. Creio ser muito justo o reconhecimento em Espanha destes dois grandes artistas portugueses. Tanto mais que, a nós, no seu País, sempre nos receberam muito abertamente.

### Paredes: onde reside a inspiração

Nos bastidores do Romea, sempre com o seu ar extremamente des preocupado,

denotando nem sequer se ter esquecido do êxito que acabou de alcançar, Carlos Paredes fala-nos dos motivos da sua participação neste digressão, de um mês, com Paco Ibañez e Luís Cília: «A música catalã está mais ou menos ligada ao nosso povo por factos e acontecimentos passados em Portugal, principalmente quando me refiro às actividades culturais independentes realizadas durante o fascismo. É um convívio entre dois povos com imensas actividades e futuros comuns.

— Refira-se aos povos português e espanhol ou português e catalão? — Os problemas da independência da Catalunha são, no fundo, os problemas dos diferentes povos da península Ibérica. Verificam-se movimentos muito importantes com a canção lírica, com todas as suas implicações sociais e culturais. Novos cantores surgem em todo o momento com este tipo de manifestações.

A inteligência do público ao assistir, esta noite, o Luís Cília, demonstra que a nossa canção possui todas as condições para se universalizar. Alá, o que hoje aqui se passou sugere a possibilidade de um entendimento de artistas das duas nacionalidades. A situação em que vivemos longos anos em Portugal, obrigou-nos a optar, ou nos entregarmos ao trabalho em nós próprios. Onde reside a razão, a inspiração para fazer música, era nessa luta. Quem não aderiu ao fascismo tinha que estar com o povo. Indicar-se sobre as suas canções. Vejo na música a participação criadora do povo português, essa libertação que tem impedido que o País nazque.

### O jazz, Montoliu e Henry Miller

Nos bastidores, a figura central é Paco Ibañez, ladoado pela mão que sempre o acompanha nestas andanças já vieram de Valladolid, Salamanca, Segóvia, Sevilla e Granada, já em segundo-se ainda, após 4 dias em Barcelona, as cidades de Girona e Sevilla). Foi-se, momentaneamente em jazz. Carlos Paredes conta com uma longa experiência, nesse campo, após ter estado com Charlie Haden, recentemente em Lisboa. Mas não conhece Tete Montoliu, conforme nos confessou, embora tenha reparado com ele em momentos dos jornais dos últimos dias. Carlos Paredes e o jazz: «É uma linguagem universal, tendo inspirado movimentos reconhecidos da música, com destaque para a música brasileira. Não seria difícil que o jazz obtivesse a adesão de um músico como eu. Além disso, o jazz é, por excelência, uma arte que facilita a espontaneidade. Tanto Alvira como eu, sentimos muitas afinidades culturais com Charlie Haden, pensando a música de mesma forma em muitos aspectos. Esta experiência pratica-se diariamente em vários países onde a possibilidade mobilizadora para a criação musical colectiva existe na realidade. E o jazz só se pode manter com a participação do público.

— O que pensa fazer, num futuro próximo? — Faço parte dum



Carlos Paredes (à esquerda) e Luís Cília (à direita) cantores portugueses em êxito em Barcelona

cooperativo de instrumentistas e cantores, «CantarAlívio», a qual, espero bem, irá proporcionar trabalho a verdadeiros profissionais que, até agora, careciam de estruturas. Todos os componentes pensam em extrair do espectáculo uma tiz cultural, artística e até pedagógica. Neste sentido, verifica-se que o Luís Cília ou o Sérgio Godinho têm provedo que o espectáculo pode evoluir e obter resultados inesperados.

O jornal de Tete Montoliu já aqui foi citado várias vezes. Mas quem é este, afinal? Luís Cília conhece-o bem. Paco também, o Palau de La Música encheu totalmente. Depois de tudo isto refugia-se no Zetland, a moda, que o Hot Clube em ponto grande. Tete Montoliu voltou ao Palau de la Música Catalana. Um edifício com o qual sempre se tem sentido identificado já que, desde os quatro anos, lá tocar e pal nos concertos da Banda Municipal. Almava Tete Montoliu antes do recital.

«Y ya es, fui ao Palácio sem cumprir uma das maiores lutas: acentuadas durante a minha vida: lutar para a minha mãe. Pois tinha sido ela quem me ensinou a Paia e o seu significado. E porque lhe havia prometido que um dia tocava no Palau, um dia que seria o meu dia, único e exclusivamente dedicado à minha música. Que aquele outro Palácio fosse diferente. E vou corrigi-lo quando minha mãe já não está neste mundo. Morreu a 12 de Abril. Tete Montoliu, que toca acompanhado pelo contrabaixista Eric Paters e o baterista Aldo Canigas (Aldo, além de tocar bateria, sabe como se tem de tocar. É professor de perussão. Veio do Uruguai) afirma-nos: «Agora quero ganhar dinheiro, sabes, por exemplo, que mandar traduzir para «Brasileira qualquer obra que me interesse, me custa umas cem mil pesetas? É o que está de pagar por uma tradução do «Trópico de Cáncer» de Henry Miller.»

### Cília canta Andrade

Durante toda esta digressão, Luís Cília tem apresentado um extenso repertório constituído, exclusivamente, por poemas de Sôguro de Andrade, e quem o cantor considerou, na sessão de estreia no Romea, «o maior poeta vivo português». Alá, no próximo disco, a gravar

brevemente, Cília só cantará poemas de Andrade, tal como «Pacundo tem», «Adeus» e «Onde me levava». Diz nos Luís Cília, em conversa nas Ramblas de Barcelona: «Em Portugal, existem cantores com grande vitalidade e personalidade, apesar de todas as sabotagens a nível da rádio e televisão. A mim, por exemplo, a TV não me conhece; nem eu, tão pouco, conheço a TV. Quando cheguei a Portugal, em 1974, e como reacção ante a demagogia que estava em voga, fiz um disco com canções do século XIII a XIX. Nas três gravações seguintes, tentei acompanhar a evolução do País. No último, intitulado «Temporários», que faz um retrato de Portugal, desde o 25 de Abril até hoje, utilizei muitas formas de música, muito material, tanto poético como experiências acumuladas ao longo destes anos.»

Cília comenta o momento actual: «Estes recitais de Barcelona supõem um pouco como o reencontro com Paco Ibañez, já que há quase dez anos que não cantávamos juntos, altura em que não divulgávamos uma canção sem a enunciar, primeiro, um ao outro. Estamos revivendo o passado, embora em condições diferentes. É-me grato comprovar não só o êxito que Paco obtém na sua terra, mas também o alto qualitativo do público, ao vir escutar as suas canções. Há uma participação mais consciente e positiva, pois o público espera que a canção se dirija mais à inteligência do que ao instinto.»

### Rui Cabral em Barcelona